



O Gaiato

22 DE FEVEREIRO DE 1969
ANO XXV — N.º 651 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



O Américo, de Benguela — ao microfone — em férias na metrópole, serve, este ano, de director artístico das Festas na zona Norte.

Festas

Em Paço de Sousa e em Miranda do Corvo ferve a azáfama. As duas comunidades têm um rodopio de Festas diante de si e ninguém quer deixar os créditos alcançados por mãos alheias. Por um momento esta actividade quer reivindicar a tônica entre todas as outras que nos ocupam. Directores artísticos puxam a brasa para a sua sardinha. E, como se trata de tarefa esporádica com características de mobilização, pretendem leis excepcionais. A gente vê-se e deseja-se para não deixar o barco sem leme.

Ontem dizia-me um tipógrafo: — Quando começarem as Festas só ficamos dois impressores na oficina.

Ora vejam os senhores, como é que vai ser o dar conta de tanto serviço que, graças a Deus, há muito nos não falta! E logo coincide com as primeiras Festas, o n.º d'«O Gaiato» de 8 de Março, que assinala o 25.º aniversário do Famoso e tem de sair festivo, como é justo e razoável! Júlio já não tem domingos. P.e Horácio divide-se entre peditórios, ensaios e a vida normal da Casa. O sono é que o paga, em longas seroadas.

Em conversa de há momentos com o 2.º chefe da Casa, soube que os dois maiores eram actores.

— Então quem fica a olhar pela comunidade?

— É o «Caneco».

«Caneco» é o 3.º chefe e também um dos poucos compositores, e o único qualificado, que ficará na Tipografia.

Das outras oficinas, nem perguntei e até tenho medo de o fazer.

Um dia destes passei pela Casa do Bairro, onde está o Américo. Era um mar de trapos em adaptação — do que a

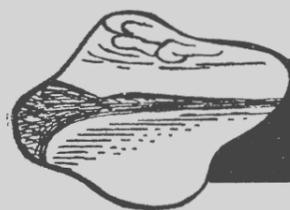
Cont. na QUARTA página

Areias do Cavaco

Sentado à secretária, vou preparando as notas que lêdes quinzenalmente. Estou indeciso. É necessário reflectir. O material tem que voar a tempo e horas. Nem sempre, nesta vida, somos senhores de momentos nossos. Fecho a porta do escritório à chave. Meto-me lá dentro. Coordeno ideias. Mas... nada.

A porta de entrada há algazarra. Barulho. Muito barulho. Desconfiam da minha presença e insistem em bater à porta. Não consigo esconder-me. O que sucedeu? Martinho vem com a cabeça rachada. Com ele o seu adversário na luta. Cada um faz-se acompanhar de testemunhas de defesa. Há ainda os assistentes, em grande número. E o meu escritório que, de momento, devia ser um lugar de silêncio, transforma-se em sala de tribunal. Falam todos. Falam as testemunhas e falam os réus. No fim falei eu e a paz voltou. Se fôssemos senhores importantes havíamos de ter um ou mais contínuos a defender-nos destes sarilhos. Se fôssemos o «Senhor Director» não seríamos incomodados nestes momentos que são os vos-

Cont. na TERCEIRA página



SETUBAL

Hoje é para mim um dia negro. Sem qualquer claridade. Sem esperança. A miséria vence. Derruba o homem.

O Freitas apareceu em nossa Casa. Vinha pedir-me que o aceitasse de novo, mas não se revelou imediatamente. Aos rapazes mostrou-se altivo e vencedor. Estava vencido, mas fingia. Nós não adivinhamos. Eu comecei a tremer e tive medo e entreguei-o à autoridade. Queria saber ao certo o que ele pretendia ao rondar a nossa Casa. Ele é um rapaz perigoso; sobretudo para nós porque conhece a orgânica da nossa vida mais os cantos e esconderijos da Casa.

Tinha estado connosco dois anos. Mocu-nos a alma. Fez das que ninguém imagina. Depois, mentira em cima de mentira. Fugiu seis vezes. Quando o aceitámos pela 5.ª vez pusemos esta ameaça: — Se voltas a fugir não entras mais. Fugiu. Não voltou. Só agora.

Quando o entregava à policia pôs-me nas minhas mãos uma carta que é bem um salmo de David e pede-me nela, pelo «Deus do Céu» que «lhe não fechasse as portas da Casa do Gaiato». «De outro modo será um homem perdido».

Dispus-me a acreditar de novo nele. Era mais uma vez. A fé a isso me obriga. Falei aos rapazes. Pedi-lhes clemência para o Freitas. Apesar de tudo sentia dentro de mim a felicidade pelo filho que voltava. Os rapazes mais velhos, mais capazes e mais generosos, concordaram em dar-lhe uma nova oportunidade e comprometeram-se a dar-lhe uma ajuda séria.

Era tarde. É tarde. Durante este dois anos de fuga conheceu tutorias e reformatórios. De todo o lado se evadiu. Agora, caíam sobre ele mandatos de captura. Foi entregue ao tribunal e deu entrada na cadeia. Tem dezassete anos, disseram-me. Não há apelo.

A história do Freitas é dolorosa. Só Deus que tudo sabe a pode avaliar e compreender: — É filho de pai incógnito. Dizem

Continua na SEGUNDA página

Tribuna de Coimbra

O Armando da Figueira da Foz é nosso há três anos e chamam-lhe «Pescoço». Estava por esmola com a madrinha e só conhecia a Avó paralítica internada num asilo de velhos e uma irmãzita no asilo das meninas, ambos naquela cidade. Fez connosco a quarta classe e foi trabalhar para uma farmácia de Coimbra. Humilde, alegre e generoso, embora uma personalidade por desabrochar.

O Armando tem sido feliz. A cara corada e suada diz da sua vida saltitante. Os sapatos sujos, camisa desabotoada, fralda de fora e calças cheias de nódoas são a marca da sua criação abandonada. Ele é um desleixado na apresentação, mas tem alma de pomba.

O Armando sabe que tem mãe, embora só a tenha conhecido em pequenino. Sabe que tem pai, mas este escondeu o nome e a responsabilidade, não a culpa. Sabe que a mãe tem mais filhos e mais homens. Contudo o rapaz sente-se feliz como um passarinho à solta na primavera.

Há dias apareceu na farmácia uma mulher nova com um pequenito de quatro anos pela mão. Disse que queria ver o Armando. Quando este se aproximou ela disse-lhe que era sua mãe. O rapaz não acreditou. Ela tratou-o pelo nome por que o tratavam em pequenino. Só nesta altura ele, em lágrimas, se lançou ao pescoço da mãe. E chorou. Chorou. Chorou. A voz do sangue! O direito do sangue! A angústia do sangue! A mãe deu-lhe uns sapatos, um rádio de mão para consertar e o nome de uma mulher numa rua suspeita onde ele pode ir buscar dinheiro.

Ela foi embora e prometeu voltar. A vida do Armando mudou. A sua fonte de alegria secou. O seu espírito de generosidade estancou. Anda alheio. Passa horas não se sabe aonde. Chora por tudo e por nada. Quer fugir para a mãe.

Cont. na TERCEIRA página

A nossa pequenina queixa sobre um certo esquecimento do Património da parte dos nossos leitores, parece-me que vai surtindo efeito, a julgar por alguns donativos e respectivas legendas e também por vários assinantes que se desobrigam para a velha campanha dos 30.000x20\$=50 casas. Graças a Deus.

E vamos já dar a saída à procissão, que é grande o número dos participantes. Começamos pelos Pessoais. São os do costume: o do Grémio de Panificação do Norte, o da Caixa Textil do Porto, com o seu escudo mensal e o da HICA. Deste, registo a participação relativa aos últimos sete meses. E, como de costume, ao findar o 2.º semestre, a Administração da Empresa vem com a quantia que os seus funcionários somaram durante tal período. Desta feita foram 10.619\$50.

Do Pessoal da Panificação conto seis presenças na média de 167\$50 cada. Mais sete dos

AGORA

Funcionários da Caixa, de Junho a Dezembro.

Segue-se o grupo dos vários que concorrem para a mesma casa. Verdade seja que também são poucos. As casas são a de N. S.º do Carmo e dos Licenciados. Para esta, duas achegas de 150\$00, do mesmo Sr. Dr. (se mais ninguém aparece, acaba por ter de passar para os das Casas a prestações!). Para aquela, 50\$ «ao aproximar-se a data em que Pai Américo partiu para o Céu» (ao tempo, pois, que foi!) e 240\$ e «muito lhe agradeço que nos lembre nas orações da comunidade, para que o Senhor abençoe a nossa união, diminua a ambição de meu marido e me conceda a suprema graça de saber transformar a nossa casa num lar.»

Vêm agora os das Casas por inteiro.

No dia primeiro do ano, como já é velha tradição, duas de 12 contos daquele casal amigo que aí está à hora da Missa e depois fica para o cafèzinho connosco. Por alma de uma Beatriz, 20 contos e esta legenda Casa Três Filhos de Deus. Doze de Portimão, «promessa que só agora tive ocasião de cumprir». Outros 12 para a Casa do Alexandre. Igual quantia de um casal que cá veio e não disse quem é. Deus sabe! E mais outra dúzia, atingida pelos donativos caídos no mealheiro do Teatro Sá da Bandeira.

Atenção, agora, à grande falanje dos das Casa a prestações. É M. M. - A. L. com três silenciosos sobrescritos contendo mil cada um. É a «Mãe que crê em Deus» que, com seis presenças mais, fica em 10.370\$.

Paremos um pouco para atendermos melhor a esta carta:

«Pelo correio de ontem, seguiu o vale de 5 contos, a nossa (de minha mulher e eu) primeira contribuição para uma casinha para Pobres, que ficará ao critério do sr. Padre localizá-la aonde entender, e distribuí-la a quem entender, e dentro das mesmas condições de pobreza, que fosse distribuída a uma ANA, e que a casa viesse a chamar-se «Casa dos Sete», pois o nosso agregado familiar é composto por nós e cinco filhos.

Não poderei dizer quando enviarei as outras prestações até completar os 12 contos para a casinha, mas o sr. Padre aplicará o dinheiro, até completar aquela quantia como quiser e entender.

A concretização deste sonho — contribuir para uma casa do Património dos Pobres — só presentemente começou a ser possível, dado termos 5 filhos a educar, mas com a graça de

Deus, nada nos tem faltado dentro da normalidade duma vida modesta, fazendo-nos sempre grande impressão não poderemos atender os outros, dentro da medida do possível».

Ele há ainda no mundo, almas para quem o sentido dos outros não é palavra vã: «faz-nos grande impressão não poderemos atender os outros...!» E a esses Deus recompensa-os com a alegria da suficiência: «nada nos tem faltado dentro da normalidade de uma vida modesta».

Mais um conto para a Casa do António e do Fernando que fica em 19 deles. Idem «para a 1.ª pedra duma casa que desejo em memória dos meus Pais». E acrescenta, revelando a compreensão da nossa maneira de trabalhar: «Espero em breve enviar mais contribuição para a casa. O dinheiro, porém, poderá ser empregue noutra e não me interessa que venha a ter os nomes dos meus Pais. Eles, onde estão, sabem bem do meu preto.» Ora aí está!

Mais a 2.ª gota de mil da M. Elvira e outra migalha para a Casa Louvado seja N. S. Jesus Cristo.

No Montepio Geral, várias contribuições de «um pecador»

e várias outras para a Casa Rodízio. Cem para a Casa Renovação de um compromisso. Cinco vezes mais da Maria de Resgate. O mesmo para a Casa do Eduardo. Quatro mil de L. P. D., «3.ª e última prestação». Com mil a Casa de S. Carlos «completa a 1.ª dúzia». O Casal assinante n.º 28562, com a remessa de 4 de Janeiro atingiu a 181.ª prestação. O meu «Desconhecido» entregou à supaca, como de costume, 3 contos para a Casa de S. Nicolau e outrotanto para a Casa de Maria Santíssima. Mais 500\$00 para a Casa de N. S.º da Boa Hora.

Agora um salto até África. Cruz, da Beira, de Agosto para cá totalizou 600\$ para a Casa de meu Pai. E em que outras empresas boas não anda ele metido!

Da Beira, ainda a 7.ª prestação de mil para a Casa Ajuda-me Jesus. O mesmo de L. Marques para «mais uma prestação do Casal Maria José».

Agora é a vez de Angola. Luanda, com mil para a Casa Frederico de Carvalho. E Henrique de Carvalho com mais mil, que perfazem, com os 12.000 angolares aqui cambiados, 10.600\$.

Outro salto sobre o mar e estamos em Newark. Em várias remessas, 105 dollars para a Casa de S.ta Ana.

Voltamos a Portugal na Europa. Maria Antonieta com 3 remessas de 500\$ e uma de 100\$ para dividir igualmente pela Casa das 3 Marias e Casa Rosarinho. Maria Alice com

numerosas gotinhas para a Casa de S.ta Filomena.

A Casa de S. Francisco ficou na 104.ª prestação de 200\$. A Casa de S.ta Terezinha atingiu os 16 contos, com as remessas de Agosto, Outubro (duas), Dezembro, e Janeiro de 69.

Terminou a Casa Ressurreição, do rosário delas. «Peça a Deus que me dê possibilidades de iniciar em 1969 a «Ascensão» — me diz quem a ofereceu. Assim seja.

A Casa de S.ta Ana e S. Joaquim, principiou com uma bolada de 5 contos. «Ficam assim arrumados os primeiros 5 meses. Vejo agora iniciado o sonho que há muito acalentava.»

E a procissão termina em beleza. Ora leiam:

«Sr. Júlio Mendes

É com a maior alegria que finalmente lhe mandamos o 1.º cheque de 15 contos para a Casa de S. Mateus. Não calcula a nossa alegria e, para complemento feliz, ser tratado através de si que tão bem conhecemos de há tantos anos, através do Famoso.

Por favor nunca assinie «muito gratos». Nós é que estamos gratos por esta magnífica oportunidade e só pedimos a Deus e ao Padre Américo que esta não seja a única mas a primeira de muitas casas que gostaríamos de oferecer. Através da vossa Obra, aquilo que adquirimos com o nosso trabalho não terá um fim estéril e egoísta mas poderá ser compartilhado com aqueles dos nossos irmãos que mais precisam».



Cont. da PRIMEIRA página

que é um senhor de gravata!... A sua mãe tem onze filhos de uma série de homens! É bêbeda. É miserável. Abandonou a criança. Ele foi parar a uma Casa de assistência. Perto dos 14 anos veio parar a nossa Casa. É do concelho de Felgueiras!...

Não há pai. Não há mãe. Não há casa de família. Não há amor. Não há lei que defenda os direitos naturais do homem. Tudo lhe foi negado.

A sociedade defende-se por um processo egoísta que deixa ao mais forte (neste caso o pai) a arbitrariedade de querer saber ou não de seu filho. Daquele que saiu do seu sangue. Que devia sair do seu amor. Não do seu egoísmo nem da sua sensualidade.

Onde vai a lei procurar o mais responsável por esta tragédia? Quantos baterão no peito? Quantos que poderiam ter ajudado a mãe e não quiseram!? Quantos? Eu vejo Jesus diante da mulher adúltera. «Quem está ilibado de culpa que atire a primeira pedra».

Onde se amontoam agora os pecados que teceram a tragédia do Freitas? Onde? — Sobre ele! Ele é quem sofre nas grades da cadeia. De cadeia em cadeia, na companhia de vadios e criminosos sem estímulo e sem amparo irá aonde o seu instinto o arrastar.

Padre Acílio



História verdadeira e igual a tantas outras.

Casa de muito vinho e pouco pão, com palavras, de mistura. Quando o álcool sobe, a vítima é a mulher que aguenta grandes tarefas, acompanhadas de comentários que põem em dúvida a sua honestidade e fidelidade ao marido. Choram as crianças... Pois que hão-de elas mais fazer?

Mas, um dia voltou-se o feitiço contra o feitiço... Se em largo de feira, arraial de romaria ou soalheiro de comadres, não interessa. Envolveu-se uma grande desordem, de muito vinho e muitos paus. Talvez que os vapores do álcool lhe dessem a ilusão de que batia na mulher... Malhou às cegas, rachou cabeças e... foi dar com os ossos na cadeia, por mais duma dezena de anos.

A pobre ficou só, com os filhinhos, em dificuldades para grangear o sustento para todos e muito assediada por malandros, porque... «se até o homem dizia dela isto e mais aquilo...»

Não aguentou tão dura prova e por lá andou... Deixava os filhos fechados em casa, ou então do lado de fora, na escola da rua, ao sol e à chuva. Se

em casa, caldo de couves. Se pelas portas, côdeas de pão.

Mão caridosa se lhes estendeu, a tentar remediar tanta desgraça, e consegui-o. Internou-lhe alguns dos filhos e a mais pequenina veio para aqui: Só cabeça e barriga, tão fraquinha que era preciso meter-lhe a comida na boca e dar-lhe a mão, para subir uma escada.

Passaram os anos, o homem voltou à liberdade e a mesma mão amiga levou o casal à reconciliação.

Apareceram aqui certo dia, a ver a filha. Muito satisfeitos, muito contentes, muito agradecidos: «Só a educação que eles tomam, nestas casas...»

Mas a mãe, à parte, para a filha: «Olha que, quando fizeres a quarta, venho-te tirar...»

Ela: «A minha mãe disse que me vinha tirar, mas eu não vou! Que julga? Eu era pequenina, mas ainda me não esqueci...»

O pai ofereceu-lhe uma caneta de tinta permanente. Fiz-lhe notar que foi uma despesa desnecessária, pois ela tinha caneta. Comprasse, sim, para o que tinham a seu cargo e vinha com eles.

Que não, que para esse é que não, pois era um grande malandro e o que precisava

era muita pancada: respondia à mãe, fugia de casa, não ia à escola, nem queria trabalhar...

(Também aqui a história é igual a tantas outras. Enquanto os meninos estão à responsabilidade de outrem, não têm defeitos: são uns anjos, uns querubins. Ninguém lhes toque! Bolachinhas, bananinhas, canetas de tinta permanente... Vão para casa e são uns malandros; o que precisam é de muita pancada...)

Pois agora, aí temos outra vez o pai e a mãe, a reclamarem a filha. Precisam dela, para carregar com os irmãos mais novos. Ela, que não, que ainda se não esqueceu, que esta é que é a sua casa, que não vai.

E aqui é que a história foge à regra. Porque é invulgar encontrar-se tanta firmeza e sentido das realidades numa garotinha de 14 anos — idade das ilusões, dos sonhos e das indecisões.

Por isso merece ser escolhida entre tantas, para vir às colunas do «Famoso».

Mas, quem poderá valer à sensata mocinha? Porque, à face da lei, o papel que me resta em tão difícil conjuntura é o de... ama seca...

Inês — Belém — Viseu



Lourenço Marques

A coluna de hoje é feita do que nos dão. Toma o primeiro lugar um rapaz chegado há dias. Fora recolhido por um casal pobre com onze filhos do Baíro de S. Vicente de Paulo. Este é dum bando de nove irmãos cada um de sua côr. Quando o fui ver, achando-o um pouco crescido, avisei-o de que vinha para uma Casa onde quem não trabalha não tem direito a sentar-se à mesa. Ele nunca fez nada nem sequer foi à escola e já tem catorze anos! Quis vir e começou logo a trabalhar. Riqueza para ele e dela para nós! É o «Girassol».

As vossas presenças de hoje têm ainda o sabor de Natal. É possível que a memória ou o papel não tenham guardado tudo. Mas Deus guarda.

Da mercearia Tondelense recebemos cem mais cinquenta. De um grupo que trabalha na Intendência Militar várias caixas com leite, doce, conserva e azeite. Uma belíssima consoada. Uma Enfermeira ofereceu o seu trabalho e mais 150\$00. Um engenheiro 500\$. A Fasol 2.500\$ mensais mais 30 litros de óleo e um saco de farelo.

Para melhorar a ceia quando o Amériquito fez anos 200\$ de quem muito temos recebido. Um almoço para todos os nossos no Restaurante do Jar-

dim oferecido com muita amizade e duas caixas enormes com um automóvel em peças para os rapazes montarem; uma pista eléctrica e um jogo completo de ping-pong. Brinquedos que não são para toda a gente nem para todos os dias. Muito obrigado. E 500\$ de pequenas renúncias de uma estudante pela alegria de ter feito o sétimo ano. Quantas e quantos haverá por aí com uma alma assim.

Dos nossos subscritores 420\$ e outro tanto de quem o trouxe. E mais 375\$, e mais mil e outra vez 1.438\$, e mais duzentos. E mais cem das mãos que tratam da nossa roupa. Um bolo para a Festa do Santíssimo N. de Jesus, o 29.º aniversário da Obra e o 1.º desta Casa. Das Irmãs do Hospital Miguel Bombarda muito carinho pelo nosso Quefaz, ali internado vai para dois meses e um pacote de roupas novas. No mealheiro da Farmácia Normal 500\$. Cruz da Beira todos os meses com cem. De Joanesburgo 2 rands mais 50\$. Igual deixado no A. Teixeira. Várias remessas de jornais, revistas e livros escolares. Três da colecção Verbo Infantil de alguém que trabalha no BNU. Nem tudo é bom às vezes, mas estes livros são magníficos.

Entregue ao vendedor de Malhangalene uma lata de azeite e roupas. Um «amigo sem nome», cem. Visitantes (têm sido poucos por causa do calor) com 50\$00 e 300\$ duma promessa de cem por mês. Na Catedral camisas. Do Comando Naval de Moçambique um cheque com 2.119\$50. Cinco pares de sapatos de um senhor. E por sapatos mais uma dúzia deles de lona da Facobal com promessa de repetir muitas vezes. E no mesmo dia mais sapatos em cabedal, quase novos.

Do Clube Indo-Português um sobrescrito com 1.445\$ naquela belíssima tarde de recreio e convívio que ofereceram aos nossos e aos filhos do Samuel e Adelaide. De um casal onde temos ido buscar muita coisa 500\$ na visita que nos fez. Tive pena de não estar presente. De quem nos trouxe dois irmãos, 300\$. Da Shell Moçambique 2.000\$. Do Entrepósito 500\$. Da Companhia N. Navegação enorme lote de cobertores. Um casal de cursistas com cem. Dos Empregados do Barclays Bank uma caixa de sabonetes. No BNU, a um vendedor cem. E igual a outro no A. Teixeira.

Da Afonso de Albuquerque uma carrada de roupas mimosas. Trezentos sacos de cimento da Fábrica do dito. É para as nossas oficinas. Dez mil duma renúncia de quem trabalha muito para encontrar um tesouro no Céu. E por último, duas notas de cem deixadas em cima da minha secretária. Bem hajam.

Padre José Maria

A gente, às vezes, sofre um nadita por não conseguir dar conta de tudo. Agora são as Festas. Mas não só. Também os nossos quadros sempre em rotação.

Manuel Rosas foi prá tropa. Ele era o rei do ficheiro da Editorial. Estava bem lançado. E aproveitou muito a sua estadia no escritório da Tipografia. Aproveitou. E sinto-me feliz. Com o mesmo objectivo está «Olhinhos», como substituto. Desperdiçou dois anos na Escola Agrícola de Santo Tirso — mas quer recuperar o perdido, enveredando por outro caminho. Damos-lhe a mão. E não tarda a ser responsável pelo ficheiro. Mas depois de um bocadinho de calo — para evitar procição de reclamações. Até lá, afligimo-nos com o maço de correspondência por aviar e,



Uma imagem do casamento do José Fernando Martins

As nossas edições

«A PORTA ABERTA»

com «Olhinhos», vamos dando conta da que for possível.

Ontem mesmo Avelino depositou novo maço de cartas e postais no ficheiro da Editorial. Não sem exclamar — O que práqui vai! Mais dorido fiquei. E com mais gana de nos desdobrarmos para não haver gente aflita por falta do «A Porta Aberta» — que permanece na ordem do dia entre os leitores do «Famoso».

Quedámos hoje no curto período de um cartão duma assinante de Lisboa: «Que Deus lhes dê forças para baterem com toda a força às nossas portas...» É uma Mãe rica, de bens morais e materiais. As suas reticências — eu sei — de uma complexidade que abarcam o «Famoso» desde o primeiro número, são atentas à Família de Nazaré. E às Bem-aventuranças. Assim todos os ricos se enriquecessem! E procurassem viver. Haveria, com certeza, mais Paz, mais Amos, mais Justiça Social. E menos bezerros d'oiro. E menos orgias. E todas as Crianças — sobretudo as da Rua, onde demos os primeiros passos — teriam o que lhes é devido — a bem do corpo e da alma.

«A Porta Aberta» — porque aberta e larga — dá pra muitos temas. Eis o carisma de Pai Américo cuja actualidade é perenidade — baseado na Lição do Mestre que seguiu herdicamente!

Reparem nesta legenda:

«Muito agradeço a amável remessa do livro «A Porta Aberta», óptimo tratado de Pedagogia, dos melhores ou talvez o melhor, dos muitos livros que eu, como professor e subdirector da Escola Industrial e Comercial de X, até hoje tive a ventura de ler. Muito grato, pois, pelos ensinamentos que me facultaram».

Não fôsse tão pequeno o «Famoso» e encheríamos as páginas de hinos sobre a oportunidade do «A Porta Aberta»! Mas, não resistimos a chapar nova lamentação do nosso Padre Manuel, de Benguela: «O livro «A Porta Aberta» continua a ser ansiosamente esperado pelos leitores e a remessa dos 100 vai-se num instante». Se em vez de barco tivéssemos um avião, o povo do Lobito e Benguela já não choraria tanto, por intermédio de Padre Manuel. Mas, tenham paciência; aguardem o retorno do «Pátria», que matará a fome de mais 100 Pais e Mães. Bendita fome!

Júlio Mendes

Areias do Cavaco

sessem que o «rato» foi o Raúl.

E por estas e outras o material para «O Galato» vai atrasado. Que me perdoe o «Snr. Director» mais os seus chefes de redacção.

Padre Manuel

Visado pela

Comissão de Censura



TRIBUNA de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Um dia destes a mãe do Armando voltou à farmácia. Ele ao almoço já não quis vir para nossa Casa; foi preciso a mãe vir trazê-lo. A noite ficou na Baixa e pediu dormida a uns miúdos. Quando alguém o conheceu e ameaçou levá-lo à Polícia o Armando aceitou que o trouxessem a nossa Casa. No dia seguinte não apareceu na farmácia. Não apareceu ao almoço. À tarde telefonou o Comandante da Polícia da Figueira a dizer que o rapaz estava lá e se o recebíamos. Passadas poucas horas o Armando entra de mansinho e vai sentar-se no meio dos nossos que rezavam o terço. No dia seguinte voltou para a farmácia e todos fizemos de conta que nada havia acontecido.

Três dias depois o Armando desapareceu. Não sabemos do seu paradeiro. Só conheço a mãe por aquilo que o filho me tem dito. Que tem quatro filhos e quatro pais. Que tem estado em Angola com um homem com quem foi da Figueira e agora está cá de férias. Que tem um filho a viver com o Avô em Rio Maior. Que ela agora o quer levar para Angola e lhe arranja lá emprego. O ra-

paz começou a andar no ar. O rapaz deixou de ser o mesmo. O caminho era fugir.

Vamos parar uns instantes. Vamos a um bocadinho de doutrina. Vamos mergulhar na história do Armando mais da mãe dele e de muitos Armandos e de muitas mães deles. É o sangue. São catorze anos. São os vícios. São as leis para estas circunstâncias. É a vida à solta. São as seduções de um emaranhado de factores. É a explosão da adolescência.

O Armando até agora só conhecia a Avó parálitica e a irmãzinha internadas nos asilos. Apareceu a mãe que aparenta uma senhora de alto nível. Até agora nem uma carta. Nem um recado. Nem uma lembrança. Nem um sinal de vida. Nem um sinal de amor. Mas o Armando já tem catorze anos. Já pode ser explorado. Já é capaz de render. Já pode ganhar para comer e ser comido.

Onde estão as nossas leis de tutela? Qual a autoridade, que levanta o dedo? A que força havemos de recorrer para libertarmos estes filhos a quem demos todas as forças da nossa alma?

Padre Horácio

Cont. da PRIMEIRA página

os. Mas não. Não queremos nada a estorvar. Que nada se ponha de permoio entre mim e eles. Queremos que tenham a porta sempre aberta.

Ainda este grupo não tinha desaparecido e vem um, escadas acima, com as mãos a tapar os ouvidos. Confiadamente segreda-me que lhe doi um ouvido e vem pedir alívio para a sua dor. Mas não é tudo. Das bandas do norte, da porta do escritório, estou a ver o Raúl a discutir com três dos seus companheiros. Não resisti e fui indagar das razões. Que acontecera? O Raúl estava encarregado de guardar os chouriços ao «fumeiro» na cozinha velha. A senhora teve o cuidado de os contar quando os mandou lá pôr. Depois de tratados pelo fumo foram recolhidos. Mas faltavam chouriços. Outros estavam tocados.

E o Raúl ia preparando o terreno para se desembaraçar desta situação delicada quando se encontrasse com a Senhora a dar contas da sua missão. Quem foi? Quem não foi? Foste tu... Foi ele... E se dizes que fui eu, «comes...» Era o Raúl a defender as suas costas. Os ratos também eram tidos por réus. E foram eles que salvaram o Raúl. Mas se os ratos falassem talvez dis-

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

Olímpia se ocupa, ajudada pelo marido nos momentos livres dos ensaios. Mas o guarda-roupa promete!

Grças a Deus a malta anda bem disposta, mesmo a dar um bocadito de si. O optimismo do Director Artístico ajuda.

E eu também ando contente. Não tomem os leitores por lamentação o que aí vai. Simplesmente revelo o reverso do que ireis ver dentro de dias,

convicto de que este conhecimento ajudará a explicar o sabor das nossas Festas e, consequentemente, o êxito que delas sempre tem feito o vosso acolhimento.

Os nossos padres do sul ainda não deram sinal de vida, porque só aparecerão nos seus palcos, após a Páscoa. A seu tempo, eles que falem.

Quanto aos locais e datas em que nos apresentamos este ano, a indicação vai a seguir.

EM MARÇO

DIA 6
às 21,30 h.

COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dias úteis: *Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.*

DIA 10
às 21,30 h.

Teatro Avenida—Coimbra

Bilhetes à venda: *Lar do Gaiato, tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.*

DIA 11
às 21,30 h.

Teatro Aveirense Aveiro

DIA 14
às 21,30 h.

Teatro Lúcio da Silva Leiria

DIA 15
às 21,30 h.

Cine Teatro S. Martinho Penafiel

DIA 17
às 21,30 h.

Teatro S. Pedro - Espinho

DIA 19
às 21,30 h.

Cine Teatro Famalicense V. N. Famalicão

DIA 20
às 21,30 h.

Teatro Circo—Braga

EM ABRIL

DIA 17
às 21,30 h.

Monumental—Lisboa

DIA 21
às 21,30 h.

Cine Teatro de Tomar

Bilhetes à venda no *Armazem Barateiro e no Cine Teatro.*

DIA 25
às 21,30 h.

Casino da Figueira da Foz

DIA 28
às 21,30 h.

Cine Teatro da Covilhã

Bilhetes à venda na bilheteira e *Jerónimo dos Santos - Seguros.*

DIA 29
às 21,30 h.

Cine Teatro da Gardunha Fundão

DIA 30
às 21,30 h.

Cine Teatro Avenida Castelo Branco

Bilhetes à venda nas bilheteiras, na *Casa Pinto e nas Papelarias Semedo e Elias Garcia.*

Ele tem quinze anos e está há mais doze em nossa Casa. Veio pelas mãos do nosso P.e Baptista, que o foi buscar às Caldas, onde se alimentava dos restos dos caixotes do lixo, abandonado pela mãe e desconhecendo quem era o pai. Vinha tão fraquinho que mereceu durante muito tempo cuidados especiais. A fome foi tanta que o desenvolvimento se tem processado a muito custo, com sinais bem evidentes de raquitismo e de atraso psíquico equivalente. Come desmedidamente, como para compensar as carências sofridas, e ainda hoje faz impressão o olhar com que vê as outras pessoas comerem. Aqui há tempos, depois de ter almoçado lautamente, ainda foi rapar os ossos que havíamos deixado no prato... As dificuldades por que passou estão na base de todos os problemas apresentados e daqueles que se adivinham já. Nunca recebeu a visita ou a correspondência de ninguém até que, há pouco tempo, apareceu a mãe, com uma meia irmã pela mão. Logo a seguir chegou uma carta com muitos abraços do «tio» à mistura, pessoa que nunca viu nem sabe quem é. Como demorasse a responder uma semana ou pouco mais, chegou-lhe outro escrito, cheio de afeições, como a dizer que mais vale tarde do que nunca cada um rever os caminhos seguidos e acertar as agulhas... No entanto, talvez pelo facto do «menino» não ter a quarta classe, as saudades estacaram e não mais houve notícias.

Fez dezasseis e vai a caminho dos dezassete. Embora a geração espontânea não esteja provada, não é oficialmente filho de ninguém, pelo menos até agora. Está em nossa Casa há 9 anos. Fez o ano passado, como adulto, a instrução pri-

Aqui Lisboa

mária. Logo no princípio do ano apareceu o presumível pai, com a mulher e um irmão do lado paterno, para levar o «menino», visto querê-lo perfiñar, segundo disse. Respondemos que não, que perfilhasse o Rapaz primeiro e logo veríamos o assunto. Até agora nada, embora as perfilhações, segundo o novo Código, sejam fáceis e rápidas. O problema é apenas este: o progenitor tem uma oficina de carpintaria e começa a estar velho, bem como a mulher, e o filho do casal safu ou quer sair de casa; como o nosso Rapaz fez a quarta classe e é aprendiz de carpinteiro... Branco é, galinha o põe. Para quem anda nestas coisas já não há segredos de maior.

Dois casos entre muitos os que poderíamos aqui apontar. Por eles queremos compartilhar convosco das preocupações e ansiedades que se nos põem. Por eles pretendemos clamar contra a injustiça de se reconhecerem direitos a quem não exerce os correlativos deveres. Com estes e muitos outros temos fundamentado os nossos reparos a quem tem poder para resolver. Até numa visão meramente económica dos valores é um desperdício de energias, trabalhar assim. Não nos basta doar a nossa vida ao serviço do Alto e ficar com a consciência tranquila; é preciso ter os pés na terra e ver as razões de muitos retrocessos e processos, para deles

tirarmos lições e precaver o futuro daqueles que nos são entregues. Por isso, aqui fica, para governo futuro, o aviso: abandonados, sim, mas com tutela dada pelos tribunais. Deixamos de lado o aspecto afectivo que nos toca como a outro qualquer mortal: criar os Rapazes e vê-los partir na hora mais difícil e decisiva é choque que contunde! O contrário seria não ter-lhes amor.

Estamos às voltas com a cozinha e o refeitório da futura casa-mãe. Quem vem pelas mesas e bancas do segundo ou marca presença no fogão e no termo-acumulador da primeira? São umas dezenas largas, a roçar os cem mil! Experimentámos pedir, conforme sugestão cheia de amor, lá para os lados de Sintra, junto de quem se diz ter muito, onde há pouco houve festas de arromba, com celebrações e tudo, e os milhares dispendidos afirmam ter beneficiado muita gente... Não veio nada, a não ser a devolução, por indicação da «direcção» de uma das casas, de um pequeno opúsculo que havíamos remetido. Ai, como somos fracos e esquecidos: os donativos à moda da Viúva do Evangelho são os nossos e as somas maiores, quando nos chegam, são anónimas ou a requerer o anonimato, dadas com a mão direita sem a esquerda sequer o presentir!

Padre Luís

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

Uma prenda — Na nossa primeira presença, em 69, junto de todos os amigos da Obra da Rua queremos, antes de mais, desejar que todos tenham beneficiado com as festas do Menino Deus. E que Ele tenha reinado, e continue, nos corações de boa vontade.

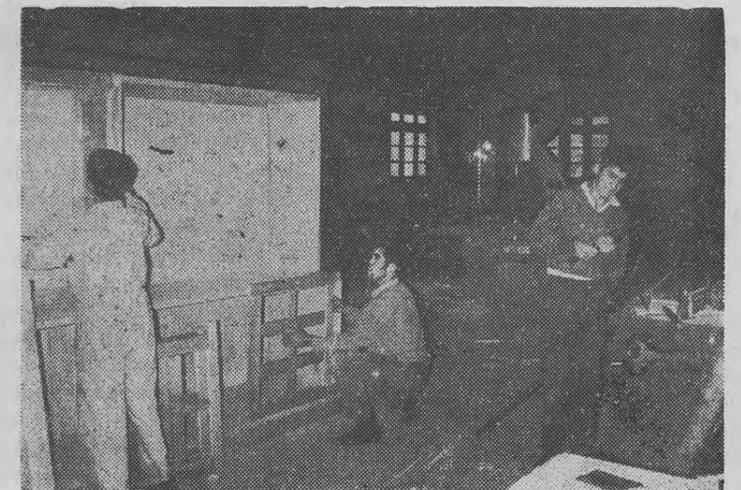
É o que no meio do nosso viver do dia-a-dia nesta nossa Casa vos poderemos desejar como prenda.

Ó Lua... — «Que vais tão alta...» Mas que os homens teimam em lá chegar. É bem? É mal? Mas a par de tudo que se viu, escreveu e comentou, pondo a nossa pobre imaginação mais perto do infinito pela grandeza Criadora de Deus nós ficámos a pensar nos casos que

nos rodeiam. Já foi revelado inúmeras vezes, neste jornal, casos para alertar consciências adormecidas no egoísmo de si mesmas. Toques com toda a verdade sem recorrer a qualquer outro meio que não seja essa mesma Verdade. Nada exagero se disser que nem tudo se diz por parecer impossível. Mas aqui as pessoas mais idosas lembram o que era nos seus tempos de meninos comparado com os dias de hoje. Poderá também acontecer que os homens evoluindo na técnica espacial se aproximem mais de Deus. E, por conseguinte, as realidades humanas em todos os seus aspectos sejam objecto de maior e fecunda compreensão. Mas, amigo que me lê, não te ponhas à espera que isso possa vir a suceder. Estai, antes, melhor preparados para a verdadeira Vida. E por isso lucrará sem medida humana! Deus dá liberdade; nós daremos a vontade. O resto... virá!

Decerto sabem... — Que Pai Américo para livrar a «Obra da Rua» de ser construída apenas na base de coisas terrenas firmou os alicerces da nossa Obra, movido pela sua fé, na Pedra que muitos edificadores não souberam compreender nem aproveitar: o Santíssimo Nome de Jesus! «E não há salvação em nenhum outro». Confiamos como Pai Américo. São 29 anos.

Manuel Simões



Depois da Capela é a oficina — o Trabalho — que recupera os nossos Rapazes. Aqui se faz Homem, livremente, quem fora Lixo das Ruas.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE